

# A CONSTRUÇÃO DE GÊNEROS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO HISTÓRICO, SOCIAL E PEDAGÓGICO

<sup>1</sup>GABRIELE FASOLO

<sup>1,2</sup>LUANA DE PAULA MIOTTO

<sup>1</sup>ALINE JUGLAIR

<sup>1</sup>Faculdade de Pato Branco, Pato Branco, Paraná, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil  
gabefasolo@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo descrever e analisar os aspectos acerca da construção de gêneros, sobretudo em aulas de Educação Física. Ao contextualizar a constituição de valores que atualmente definem os gêneros, observou-se a fundamental necessidade de abordar os fatores histórico-sociais que estabelecem conceitos culturais imprescindíveis no foco neste estudo.

Partindo do âmbito social é essencial considerar a constante transformação cultural para atribuir significados as distinções – muitas vezes exclusões – entre gêneros. A partir desta concepção, busca-se verificar qual a postura da escola perante as diferenças entre os sexos.

Notoriamente, são nas aulas de Educação Física que se evidenciam as relações de construção de gêneros, em virtude da maior oportunidade de manifestação e expressão corporal entre os alunos. Cabe ao professor de Educação Física um papel fundamental neste processo, realizando ações pedagógicas que possibilitem o estabelecimento da coeducação, buscando o estabelecimento progressivo da igualdade entre os gêneros.

## A SOCIEDADE NA CONSTRUÇÃO DE GÊNEROS

Através das representações estabelecidas pela cultura da sociedade, contextualizando seus valores e costumes, nota-se a importância de analisar fatores que constituíram a atual definição de gênero.

Ao contemplar a construção de gêneros é essencial considerar a constante transformação cultural da sociedade, visto que a consequente apropriação de valores varia de acordo com as características específicas de uma dada época. Entretanto, ainda que as especificidades de cada época se diferenciem de acordo com a constituição cultural de tal grupo, nota-se que algumas características e valores estão sempre presentes, sendo transferidos ao longo dos períodos históricos.

Tanto homens quanto mulheres representam historicamente papéis distintos perante a sociedade através de normas, regras e padrões impostos pelos próprios membros que a constituem. Louro (2001, p. 24) considera:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.

Apesar das diferenças entre homens e mulheres serem evidentes quanto a características físicas, biológicas e fisiológicas, a conceituação de gênero não se limita apenas a estes aspectos, pois a sociedade de fato se apropria de valores, significados e representações acerca da concepção cultural do gênero.

Entretanto, seja sob ótica física, biológica ou fisiológica estas características não devem ser entendidas meramente como agravantes da distinção entre os gêneros. Estas evidenciam que diferenças são inevitáveis e se compreendidas de forma correta, ao invés de

promover formas de exclusão, irão contribuir com a igualdade em meio à sociedade. Onde haja o reconhecimento de que cada pessoa é única e diferente de qualquer outra, independente do sexo, cor ou idade.

É de suma importância esclarecer que não são essencialmente as características sexuais que determinam quem é o quê, mas é a maneira como são atribuídos valores a estas características, ou seja, o que se pensa ou se fala sobre ela, constitui de fato o que é feminino ou masculino em determinado momento histórico de uma dada sociedade. (LOURO, 2001). O processo que concebe a construção de gênero é longo, resultado da evolução cultural sócio-histórica, estando atrelada a uma complexa teia de ideias e valores tornando-se mais complicada toda e qualquer tentativa de conscientização a uma ideologia contrária a habitual.

Louro (2001, p. 32) defende a ideia de desconstrução do pensamento de que há “[...] um lugar ‘natural’ e fixo para cada gênero”. Apoiando-se no conceito de gênero que enfatiza a pluralidade entre os conflitos existentes nos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos em femininos e masculinos, é preciso admitir que fatores que implicam para a construção deste conceito advêm de “marcas” da sociedade, tais como: classe, sexualidade, etnia/raça, nacionalidade e religião. (LOURO, 1997). Meyer (2003, p. 16) aponta que “O conceito de gênero também acentua que, como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade”.

Algo que pode ser considerado um fator positivo como afirma Sayão (2002) é o fato de que apesar da sociedade historicamente conceber o corpo a partir da base biológica, estabelecendo assim definições de masculino e feminino, é nos dias de hoje que esta distinção passou a ser representada como uma construção provisória e capaz de constantes mudanças objetivas e subjetivas, constando que o corpo não possui uma universalidade.

Cabe ressaltar que atualmente o fator biológico tem grande peso na distinção entre masculino e feminino, todavia, a linha tênue entre a cultura e sua constante transformação possibilita a mudança de hábitos e de conceituações, buscando a conscientização da sociedade.

## **A ESCOLA E AS DISTINÇÕES DE GÊNERO**

De acordo com Wenzel e Stigger (2006) a escola constitui um sistema educativo, curricular e pedagógico, mas também é de fato um espaço social e cultural. As relações pessoais adquirem particular importância neste contexto, pois a escola é um ambiente de contínuo intercâmbio de ideias, conceitos, afetos e saberes.

Ainda que as relações interpessoais comecem no âmbito familiar, é na escola que os alunos iniciam o convívio com pessoas da mesma faixa etária. Santos (2008) destaca que instituição escolar tem papel determinante no processo de conscientização, orientação e instrumentalização dos corpos dos alunos.

Como citado anteriormente, os fatores que geram esta forma de distinção – muitas vezes exclusão – são estabelecidos pela constante transformação cultural da sociedade. Sousa e Altmann (1999) relatam que as crianças são indivíduos com uma bagagem prévia de valores, significados, crenças, atitudes e comportamentos adquiridos mesmo antes de frequentar a escola. Significados estes que muitas vezes são atribuídos dentro do próprio ambiente familiar: para o seu divertimento as meninas ganham bonecas e os meninos ganham carrinhos.

Luz Junior (2002) relata que definir gêneros a partir da diferença biológica naturaliza perspectivas para o masculino e o feminino, por exemplo: homens são fortes e corajosos, mulheres são frágeis e delicadas. Neste sentido, Santos (2008) relata que se a instituição escolar classificar os sujeitos seja por classe social, etnia ou sexo, certamente estará contribuindo para (re)produzir e hierarquizar as diferenças. Porém, a escola não deve situar-se como agravante de qualquer forma de exclusão, pois muito além de transmitir conhecimento, a escola transforma e constrói cultura.

Assim como enfatiza Luz Junior (2002, p. 74) “As relações de gênero na cultura escolar vêm, desde muito, contribuindo para a fundamentação de uma ação pedagógica nas quais as posturas e movimentos corporais são marcados, programados, para um e para outro sexo”. Sabe-se então que o estabelecimento da distinção entre os gêneros é oriundo de fatores culturais, por isso possui uma simbologia enraizada entre meninos e meninas, que é evidenciada pelo tratamento diferenciado que é dispensado a cada um. Por exemplo, espera-se delicadeza das meninas, e agressividade dos meninos. Estes padrões são cobrados não só por docentes, mas também por colegas, pais, enfim, a sociedade em geral.

É inevitável que estas diferenças constituídas essencialmente fora do universo escolar estejam presentes também no âmbito da escola. Porém, quando estes fatores que contribuem no fortalecimento de padrões e estereótipos de gênero, invadem um ambiente de construção e transformação cultural, a diligência ao lidar com esta questão é primordial, exigindo cuidado ainda maior nas aulas que exigem maior contato entre os alunos.

### **A EDUCAÇÃO FÍSICA E A MANUTENÇÃO DAS DIFERENÇAS**

Nas aulas de Educação Física – quando interação, contato físico e expressão corporal ganham evidência – os alunos têm a oportunidade de se manifestar como em nenhuma outra disciplina, pois o contato com seu próprio corpo e o dos colegas ocorre mais veementemente do que em outras matérias componentes da grade curricular. Goellner (2003) analisa que durante muito tempo as atividades corporais esportivas (a ginástica, os esportes e as lutas) não eram admitidas às mulheres, pois poderiam ser prejudiciais à natureza de seu sexo considerado como mais frágil em relação ao masculino. Assim como considera Fraga (2000, p. 117):

Apesar dos corpos masculinos e femininos se constituírem nas mais variadas instâncias escolares, parece que é na Educação Física que essa distinção é salientada repetidamente. Pois ainda hoje, a partir de uma hierarquia das aptidões físicas aceitas socialmente, considera-se as meninas “naturalmente” mais frágeis do que os meninos, justificando, assim, a necessidade de uma estrutura especial que proteja as meninas da “brutalidade” inerente aos meninos.

O tratamento dispensado distintamente aos sexos acarreta consequências ruins ao aluno, de tal forma que, como afirma Saraiva (2002), “[...] impedem uma aprendizagem intercultural na educação física escolar, nas práticas esportivas e nas práticas de lazer generalizadas”. Os próprios alunos percebem a abordagem diferenciada e passam a reagir como “se espera”. Lima e Diniz (2007) destacam que o ato de lidar com meninos e meninas de formas díspares passa a exigir certo tipo de comportamento que deve ser atendido pelo aluno ou aluna. Ao presumir que um menino é mais agressivo e ativo do que uma menina, o professor espera dele determinadas atitudes que não necessariamente correspondam à sua personalidade, mas ainda assim são vistas como “normais”.

Na prática, quando se separa os alunos por gênero nas aulas de Educação Física, o professor afasta e divide o grupo pela falta de contato entre os eles. Fator este que contribui para aumentar cada vez mais a rivalidade entre meninos e meninas, todavia, na maioria das vezes esta rivalidade fica implícita, não é expressa.

Nas aulas mistas naturalmente surgem um maior número de conflitos, que desta vez ganham oportunidade de se manifestar. Seria o conflito um objeto útil ao aprendizado? Os indivíduos inseridos em um contexto social não podem ser privados da interação entre os sexos, considerando que homens e mulheres convivem juntos em sua vida social diária. Dessa forma, enfrentar problemas, conflitos e situações adversas pode se tornar um valioso objeto de aprendizagem.

Entretanto Abreu (1993) destaca que “O conflito por si só não é um objeto, muito menos uma meta a ser alcançada, mas sim o referencial norteador das reflexões e discussões

sobre as próprias situações de conflito, percebidas ou não no seio da sociedade”. O que comprova a que a separação tende a camuflar discussões por falta de vivência prática.

Sendo assim, os conflitos podem ser explorados na Educação Física como exercício de vivência. Através de atividades integrativas o professor possibilita o aparecimento natural de situações de conflito necessárias para o aprimoramento social dos alunos. Por isso, é fundamental que o docente esteja preparado para intervir neste processo, visto que ele assume a função de formador do cidadão e do indivíduo como um todo.

## **O PAPEL DO DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESTABELECIMENTO DA COEDUCAÇÃO**

Segundo definição do dicionário Aurélio (1988) coeducação significa educação simultânea e conjunta de indivíduos de ambos os sexos. Seu objetivo é propor a igualdade de oportunidades entre os gêneros. Contudo, o simples fato de realizar aulas mistas não cumpre tal objetivo, a prática pedagógica do docente é essencial neste processo.

Segundo Brodtmann (1986) entre os motivos que defendem que as aulas de Educação Física devem ser coeducativas, encontram-se dois argumentos elementares: o primeiro admite que a integração entre os gêneros amplia vivências e capacidades motoras de ambos os sexos, já o segundo consiste em promover o aprimoramento social através do estabelecimento de grupos heterogêneos quanto ao sexo.

Uma alternativa pedagógica integrativa é a inserção de jogos cooperativos nas aulas da Educação Física. Como apresenta Orlick (apud Brotto, 2002) os jogos cooperativos são uma excelente proposta pedagógica, pois não possuem características excludentes ou seletivas. São baseados na aceitação, cooperação, participação e diversão, e por consequência, reduzem a competitividade. O docente deve buscar adaptar qualquer atividade visando à integração dos alunos, contemplando todos os conteúdos estruturantes definidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998, p. 68): lutas, esporte, ginástica, atividades rítmicas e expressivas ou jogos e brincadeiras.

Porém, devem-se evitar adaptações que enfatizem as diferenças de gênero. Determinar que um gol só possa ser efetuado após todas as meninas terem tocado a bola, evidencia que o motivo da alteração são elas (SOUSA e ALTMANN, 1999). Por outro lado determinar que toda equipe precisa tocar na bola para tornar um gol válido, estimula a inclusão.

Porém, Abreu (1993) constata que no primeiro momento há um bloqueio por parte dos meninos em aceitar praticar atividades junto com as meninas, mas quando as meninas demonstram habilidade em executar determinada atividade, este incômodo desaparece, tornando a diferença sexual irrelevante. Da mesma forma, os meninos que demonstram não possuir habilidades motoras como os demais colegas também são discriminados.

Nota-se então que a exclusão passa a ser por habilidade, que geralmente é originada pela falta de variedade de vivências motoras, proveniente de fatores culturais. Abreu (1993) indica a influência da mídia na educação, atribuições de tarefas diferentes para irmãos e irmãs na família, falta de incentivo dos pais em motivar as meninas a uma vida mais ativa e até mesmo tipos diferentes de brincadeiras infantis como razões para essa falta de habilidade.

Conforme constatado, as diferenças de desempenho entre os alunos inevitavelmente irão surgir. Entretanto, é essencial que o docente proporcione atividades com múltiplas oportunidades de experiências motoras (ABREU, 1995), permitindo assim a evolução nos diversos âmbitos motores e o consequente nivelamento das habilidades.

Realizar tais atividades é apenas o primeiro passo para lidar com problema de exclusão social. É fundamental que os alunos compreendam a relação entre os gêneros, e percebam que ver as diferenças sob ótica excludente é socialmente nocivo. O professor deve estimular o surgimento de debate sobre o tema, seja durante a aula - quando a situação de conflito se apresentar - ou reunindo o grupo após as atividades para um momento de reflexão.

Portanto, as aulas de Educação Física devem ser vistas como construtivas da coeducação. Como apresenta Saraiva (1999) isto significa que as aulas que separam meninas

e meninas devem ser evitadas, porque somente em conjunto será possível buscar a igualdade de chances. As aulas mistas são um passo importante no progressivo combate da exclusão entre os sexos, e fator imprescindível para a construção de relações igualitárias que, leia-se, podem impulsionar a transformação social.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após analisar os fatores que constituem a construção de gêneros, notou-se quão fundamental é o papel do professor de Educação Física na construção e transformação de conceitos. A coeducação vem assumir uma função essencial neste processo.

As aulas coeducativas são excelentes para desconstruir parâmetros de exclusão de gêneros estabelecidos socialmente. O docente deve utilizá-las essencialmente para realizar a adaptação das regras de forma a proporcionar a integração e propor grande diversificação de experiências motoras.

Ainda que o professor realize tais práticas pedagógicas, é de extrema importância que o docente estimule o surgimento de debate acerca das questões de gênero. Pois para que a transformação social seja viabilizada, os alunos precisam compreender que as distinções de gênero vistas como fator de exclusão são ruins para todos os membros da sociedade.

É fundamental, porém, que as questões de gênero sejam colocadas em discussão no processo de formação dos docentes, para que estes, em sua prática diária, estejam preparados para dirimir eventuais conflitos e possibilitar aos seus alunos que criem meios de implodir o discurso discriminatório e sexista enraizado na constituição de valores da sociedade.

Tendo esclarecida esta questão, os docentes contribuem na desconstrução de paradigmas, desempenhando uma função essencial no que diz respeito à transformação e construção cultural de valores da sociedade.

### **REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ABREU, N. G. "Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo em aulas de Educação Física Escolar". In: ROMERO, E. **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ABREU, N. G. "Meninos pra cá, meninas pra lá?" In: VOTRE, S. J. **Ensino e avaliação em educação física**. São Paulo: IBRASA, 1993. p. 101-120.
- AURÉLIO, F. B. H. **Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRODTMANN, D. **Elementos e princípios da Educação Física: uma antologia**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986. p. 93-122.
- BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos: Projeto Cooperação, 2002.
- FRAGA, A. B. **Corpo, Identidade e Bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GOELLNER, S. V. "A produção cultural do corpo". In: LOURO, G. L. et al. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- LIMA, F. M; DINIS, N. F. "Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física". **Currículo sem Fronteiras**, Paraná, v. 7, n. 1, p. 243-252, janeiro/ junho 2007.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LUZ JUNIOR, A. A. "Gênero & Educação Física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimento". In **Motrivivência**, nº 19, dez/2002, Florianópolis, Editora da UFSC, p. 87-98, 2002.

MEYER, D. "Gênero e educação: teoria e política" In: LOURO, Guacira Lopes et al. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

SANTOS, C. et al. Diversidade sexual na escola e a homofobia: a capacitação de professores como estratégia de Intervenção. In: **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis- SC, 2008.

SARAIVA, M. do C. **Co-Educação Física e Esportes**: Quando a diferença é mito. Ijuí, Rio Grande do Sul, Editora Unijuí, 1999.

SARAIVA, M. do C. "Por que investigar as questões de Gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer?" In: **Motrivivência**, nº 19, Florianópolis, Editora da UFSC, 2002, p. 79-86, dezembro/2002.

SAYÃO, D. "Por que investigar as questões de Gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer?" In: **Motrivivência**, nº 19, Florianópolis, Editora da UFSC, 2002, p. 87-98, dezembro/2002.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernos Cedes, n. 48. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>. Acessado em 27/04/10.

WENETZ, I; STIGGER, M. P. "A construção do gênero no espaço escolar". In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 59-80, janeiro/abril, 2006.

Endereço: Linha Manfrói, Interior, s/n

Cidade: São Domingos, SC.

CEP: 89835-000

Fone: (46) 99118869; (49) 34915225

E-mail: gabefasolo@gmail.com